

Entre a vida e a morte: a importância do ex-voto como elemento signico

José Cláudio Alves de Oliveira¹

Clarisse Prêtre²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i35.47020>

ORCID OLIVEIRA: <https://orcid.org/0000-0002-2887-2025>

ORCID PRÊTRE: <https://orcid.org/0000-0002-5228-7424>

Resumo: O artigo elucidar a diferença entre as “alminhas”, os “pedidos” e os ex-votos. Mostra o potencial signico do ex-voto e as suas vinculações com a semiologia e iconografia. No seu percurso bases teóricas de diversas áreas que mostram como o objeto ex-votivo se dissipa na diversidade científica, quando é visto como patrimônio cultural, tradição, comunicação e fonte para o estudo da memória social. No caminho, e na busca de diferenciá-lo de objetos que consagram a morte e os votos, definições, conceitos e ilustrações que demarcam os lugares e tipologias do ex-voto, como também, e principalmente, o objetivo principal desse elemento milenar da religião do povo.

Palavras-chave: Ex-voto, alminhas, voto, religiosidade, memória social, morte.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Pós-doutorado em Comunicação e Tecnologias, pela UMinho, Portugal. (FAPESP BOL2757/2012, CAPES BEX18009/12-3). Professor Associado III do Departamento de Museologia da UFBA. Coordena o Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos. Professor permanente dos Programas de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Museologia (PPGMUSEU) da UFBA. Pós-doutorando em Ciência da Informação - UNESP/Marília. Doutorando em Memória, linguagem e sociedade, no PPGMLS/UESB. Email: claudius@ufba.br

² Doutorado em Filologia e Gramática Comparativa (1997) sobre o Vocabulário de ofertas em antigas inscrições em grego de Delos; Habilitação para Supervisionar Pesquisa (HDR) (2014) em Arqueologia, sobre o Material votivo do Artemision de Thasos (Grécia). Pesquisadora do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica), em Paris (França). Atualmente conduz um programa sobre a sustentabilidade dos ritos votivos no Mediterrâneo desde a Antiguidade até o presente. Professora associada da UERJ (Rio de Janeiro), no Núcleo da Antiguidade Clássica. Email: clarisse.pretre@gmail.com

Between life and death: the importance of ex-voto as a significant element

Abstract: The article elucidates the difference between the “alminhas”, the requests and the ex-votos. It shows the potential significance of the ex-voto and its links with semiology and iconography. In its course theoretical bases of several areas that show how the ex-votive object dissipates in the scientific diversity, when it is seen as cultural patrimony, tradition, communication and source for the study of the social memory. Along the way, and in the search to differentiate it from objects that consecrate death and votes, definitions, concepts and illustrations that demarcate the places and typologies of the ex-voto, but also, and mainly, the main objective of this millennial element of the religion of the people.

Keywords: Ex-voto, alminhas, voto, religiosidade, social memory, death.

Entre la vida y la muerte: la importancia del exvoto como elemento signico

Resumen: El artículo elucidada la diferencia entre las “alminhas”, los pedidos y los ex-votos. Muestra el potencial signico del ex-voto y sus vinculaciones con la semiología e iconografía. En su recorrido bases teóricas de diversas áreas que muestran cómo el objeto ex votivo se disipa en la diversidad científica, cuando es visto como patrimonio cultural, tradición, comunicación y fuente para el estudio de la memoria social. En el camino, y en la búsqueda de diferenciarlo de objetos que consagran la muerte e los votos, definiciones, conceptos e ilustraciones que demarcan los lugares y tipologías del ex-voto, como también, y principalmente, el objetivo principal de ese elemento milenar de la religión del pueblo.

Palabras clave: Ex-voto, alminhas, voto, religiosidad, memoria social, muerte.

Recebido em 15/03/2019 - Aprovado em 29/05/2019

Os ex-votos

Ex-votos são objetos colocados, por desobriga, em cruzeiros, cemitérios e salas de milagres de santuários católicos, cujos aspectos são bastante representativos nos campos da Comunicação, Antropologia, Arte, Museologia e História. No Brasil a riquíssima tipologia vai do ex-voto tradicional, esculpido na madeira, a *pendrives* colocados na sala de milagres pelos pagadores de promessas que mantêm a tradição milenar ex-votiva que retrata e divulga a história de vida.

De forma geral, conclusões definidoras demarcam que ex-votos são objetos que o povo coloca em igrejas, capelas etc., “oferenda” entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo, a Deus, a virgem Maria e aos Santos,

na vigência do cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos animais domésticos e semelhantes.

O ex-voto é a expressão concreta da religião, que se manifesta através do "ver", "fazer" e "tocar". Representa a materialidade miraculosa, o meio para que a eficiência taumatúrgica seja objetivada. Enquanto os pedidos são objetos que antecedem aos pagamentos das promessas, e explicitamente vêm em cartas ou bilhetes. (Figura 1)

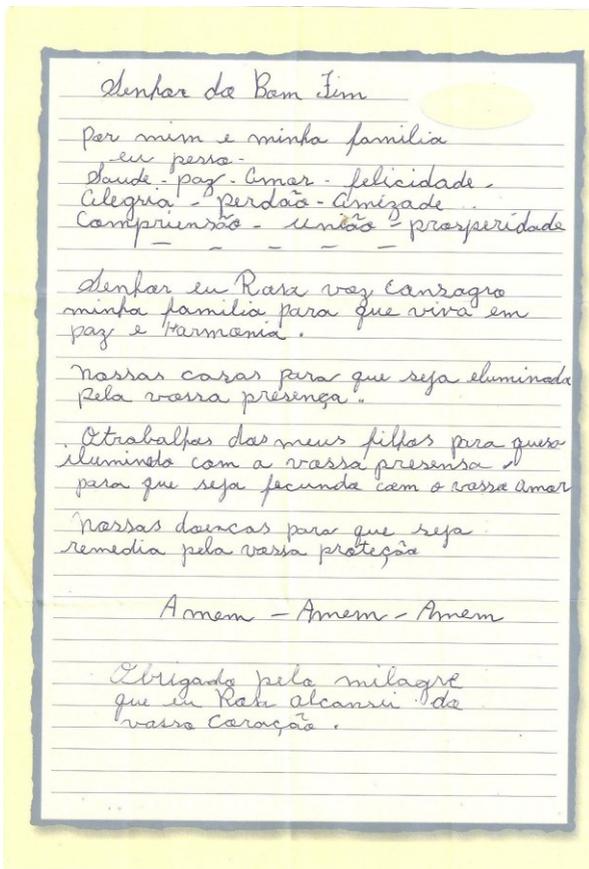


Figura 1 – Bilhete. Pedido ao Senhor do Bomfim em Salvador, Brasil.
Pedido na sala de milagres do Santuário do Bomfim, Brasil.
Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira

Os pedidos também podem vir nos cartões de identificação de vestibulandos com datas anteriores ao resultado do certame, com o candidato pedindo a aprovação no vestibular. As fitinhas do Bomfim, como outro exemplo, vão mais além. Elas, além de uso corporal, são “depositadas”, enlaçadas nas cruzes do museu do santuário e da sala de milagres acompanhadas de oração e pedidos para um simples “bom dia” ou “Feliz ano novo”. (grifos nossos)

As alminhas são objetos que “pedem a Deus”, ou ao santo protetor, o “bom descanso” àquele que faleceu. Atualmente, no Brasil, as alminhas vêm em formatos 9X12, e trazem a imagem da pessoa que morreu, com dizeres que, além de uma oração ou reza, enobrecem o indivíduo em família ou como um cidadão que foi. (Figura 2)

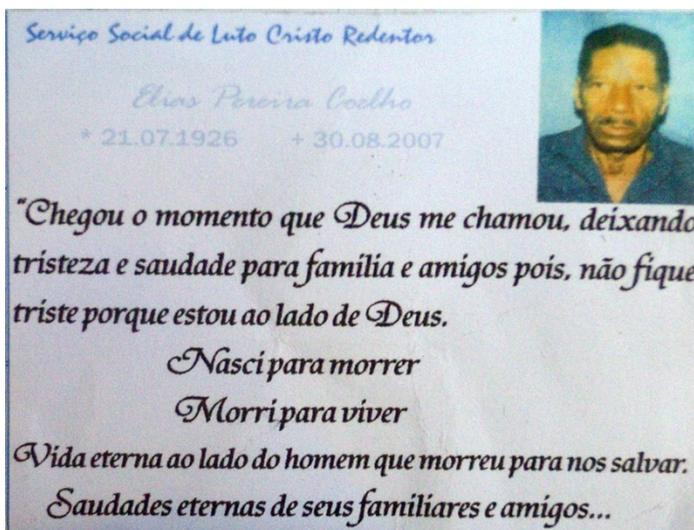


Figura 2 – Exemplo de alminha.

Alminha documentada na sala de milagres do Santuário de Candeias, Brasil.

Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira

O ex-voto pictórico, dos formatos mais conhecidos no mundo católico, é bastante produzido no México, Guatemala, Equador, Bolívia, Itália, França e Portugal, onde houve transmissão de ritos votivos antigos já atestados desde a Grécia antiga.

Os ex-votos gregos vieram em duas formas encontradas hoje no México: ao lado dos baixos-relevos representando o deus da medicina curando um paciente reclinado, há *pinakes* pintados em tábuas de argila que representam o doente e a cura pela epifania e intervenção divina durante o seu sono, por meio de incubação. Ao acordar, o

paciente curado, saía e pendurava nas árvores do santuário ou nas paredes dos templos, esta tábua com a inscrição de agradecimento em uso. As pinturas votivas chamadas *dipinti* na Itália, surgidas na Idade Média, são descendentes diretos desses *pinakes*, reproduzindo padrões narrativos idênticos.

Na Itália, a partir do século XVIII, a cenografia é sempre a mesma com uma representação estereotipada: muitas vezes é a Virgem que está no centro da epifania, cercada por uma nuvem ou em um halo luminoso que simboliza sua qualidade celestial. O personagem cujo desejo foi concedido é representado em ação, seja em sua cama, no caso de uma doença, sob as rodas de um carro, de uma forma contemporânea em caso de acidente, ou caindo de uma escala entre outros exemplos. É particularmente interessante observar cenas de intervenções cirúrgicas, em que o paciente é cercado por médicos brandindo instrumentos já sangrentos, enquanto a Virgem domina a cena. Como os fiéis que se voltaram para Asklepios, quando o remédio dos homens fracassou, o recurso à religião vem depois da solicitação de terapias racionais e prova mais uma vez a superioridade divina sobre a medicina humana.

A visão que emerge de todas essas pinturas é marcada principalmente por uma profunda devoção sem mais pesquisa estilística. O artesão que pinta o *retablo* é anônimo porque a função religiosa aniquila qualquer perspectiva artística. Nada é feito para destacar o pintor, já que fazemos parte da comemoração de um milagre.

Entre a vida e a morte

Se o ex-voto é visto como um objeto entre a vida e a morte, é de fato que muitas vezes estabelece um elo importante entre os dois, a ponto de, algumas vezes, obscurecer a mensagem principal que é a de um agradecimento.

Os ex-votos de marinheiros são o exemplo mais convincente das múltiplas camadas de leitura de um ato de devoção. No Brasil como no sul da Europa (França, Itália, Grécia), a partir do século XVII, era comum oferecer uma pintura, ou um modelo de navio após um naufrágio: os sobreviventes agradeceram às divindades por tê-los salvos, e é a leitura mais óbvia do ex-voto. Muitas vezes, logo abaixo da pintura, a legenda ou verbete conta as circunstâncias do perigo, evocando a data e o nome do capitão, assim como o nome do barco. (v. figuras 3, 4, 5)

Vale lembrar que a Basílica de Nosso Senhor do Bonfim³, em Salvador, no Brasil, foi construída em torno de uma promessa de ex-voto: o comandante de guerra e

³ Em 2018 o Museu dos Ex-votos do Bomfim passou por uma requalificação projetada pela museóloga Genivalda Cândido da Silva, da Universidade Federal da Bahia, que além da organização expográfica, proporcionou maior visibilidade aos ex-votos pictóricos com temáticas marinhas do museu.

mar, Theodózio Roiz de Faria, ao passar por tormenta, fez a promessa ao Senhor Bom Jesus de Setúbal, Portugal, que, se saísse ileso com a tripulação daquele perigo, ao chegar à cidade do Salvador, ergueria uma capela em devoção ao santo devoto, e assim o fez, a igreja é um verdadeiro ex-voto (SILVA 2015, p. 5).



Figura 3. Ex-voto Pictórico.

Acervo Museu dos Ex-votos do Bomfim, Brasil

Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira

Projeto Ex-votos do Brasil

A partir do final do século XVIII, no entanto, capelas e igrejas próximas ao mar viram o desenvolvimento de um tipo de objeto também chamado ex-voto, mas cuja função primária desapareceu em favor de um ato de memória: os códigos pictóricos que permanecem os mesmos desde a causa é idêntico. O barco representado na tempestade em mar furioso é o marcador de identificação que permite a assimilação desse tipo de dedicação à comunidade votiva. No entanto, o texto que explica o desenho evoca marinheiros desaparecidos, capitães afogados, que são desaparecimentos completos sem nenhum milagre realizado. Não há mais qualquer ligação com o resultado feliz de um perigo no mar. O texto, escrito abaixo dos desenhos, dá o nome do marinheiro e, em seguida, a data de seu desaparecimento: uma vez que um enterro cristão não pode ser

concedido por falta de corpo encontrado, o ex-voto depositado em um lugar religioso perpetua a memória dos desaparecidos no mar. (v. Figura 4)

As práticas de devoção ao redor do mundo do mar são antigas, mas até o século XVIII eram propiciatórias, quando foram concluídas às vésperas de uma longa permanência no mar, ou gratificantes quando estavam ligadas a um resgate realizado por um milagre.



Figura 4. Ex-voto Pictórico.

Acervo Museu dos Ex-votos do Bomfim, Brasil

Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira

Projeto Ex-votos do Brasil

No século XIX a aparição deste novo tipo de oferecimento confunde a mensagem de que um ex-voto deveria transmitir: com a evocação da memória dos desaparecidos, há desconstrução da ligação com a vida com o surgimento de uma função estritamente ligada à morte e despossada da ação de graças original, como no exemplo do ex-voto documentado no museu do Santuário da Penha do Espírito Santo, no Brasil, no qual a imagem traz um navio encalhado no Rio Doce, tendo a imagem representativa da Nossa Senhora da Penha ao alto, como que abençoando e salvando a tripulação da

navegação, e ao canto inferior do quadro a legenda em letras cursivas sobre um plano branco, lembrando um bilhete, narrando o “Milagre de N.S. da Penha por ocasião em que encalhou na barra do Rio Doce o vapor Araruama em 26 de 10 br de 1894”. (v. Figura 5)



Figura 5. Ex-voto Pictórico.

Acervo Museu dos Ex-votos do Santuário da Penha, Espírito Santo, Brasil

Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira

Projeto Ex-votos do Brasil

O novo vínculo entre o ex-voto e a morte pode ser observado em outro tipo de objeto depositado nos santuários que já contêm os presentes depositados após a realização de um milagre. Geralmente composta por um texto e uma foto colocada sob o vidro, essa imagem em memória consiste no pedido de proteção dos vivos, exigida primeiramente aos Santos e à Virgem Maria, mas também às mortes de uma família.

Este tipo de doação também tem uma função memorial cuja forma é diretamente inspirada pelos ex-votos usuais: não é incomum ler no mesmo texto uma petição aos mortos, mas também um agradecimento ao santo padroeiro da igreja em questão, com um esquema narrativo idêntico ao dos ex-votos originais: os mortos

protegem os vivos enquanto os santos os vigiam: no século XVIII, na Europa, era comum buscar proteção para as almas do Purgatório através de oferendas e orações.

Essas imagens constituem um último grau da evolução do ex-voto: a forma pictórica fixa que serviu como um identificador imediato, primeiro deu lugar ao século XX para uma desestruturação de conteúdo icônico levando a personalização extrema. Finalmente, o sentido votivo relacionado à vida foi perdido em favor da ativação de um ato de memória ligado à morte.

É, no entanto, fácil justificar o depósito dessas imagens nos santuários por sua comunidade com o ex-voto: é de fato um ato de devoção privada que é dirigido a uma pessoa já em contato com os santos desde ela estar morta. Essa aliança entre um ato pessoal e um aspecto religioso fortalece o poder da súplica que, portanto, terá uma chance melhor de ser respondida. Este é um ato de "narração da morte" (COUSIN, 2005) realizado em um ambiente religioso. A morte de um ente querido, combinada com a imortalidade dos santos, garante a eficiência dessa variante votiva derivada dos antigos ex-votos.

Entre folkcomunicação, museologia e memória social

Vários pesquisadores e teóricos estudaram e estudam os ex-votos. Podemos citar alguns famosos. No Brasil: Clarival Valladares (1967), Márcia Castro (1979), Maria Augusta M. da Silva (1981) e Luiz Beltrão (1971, 2004); No México: Jorge González (1986), Elin Luque Agraz (2017) e Anita Brenner (1929); e na França: Michel Vovelle (1987) e Caroline Perree (2017).

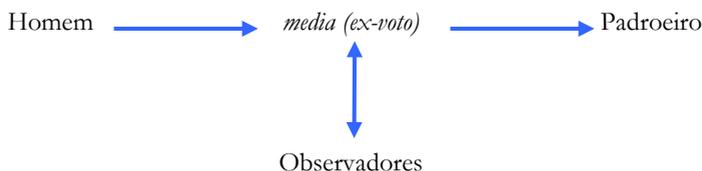
No processo **infocomunicacional** que está o ex-voto, vemos as formas testemunhais de representação iconográfica da graça obtida, envolvendo ocorrências como doença, obtenção da terra para plantar, da casa, do carro etc. A representação escultórica da doença curada é a forma mais conhecida de um ex-voto; o testemunho de fatos e acontecimento em narrativas pictóricas, epigráfica e fotográficas; os hoje difundidos DVDs que trazem os casamentos, os batismos, as bodas, enfim, formatos antigos e novos que representam histórias do passado e atuais, formatos que preservam memórias individuais e coletivas, divulgadas em ambientes que insurgem em ruas, estradas, cemitérios ou, mais precisamente, numa sala de milagres. Objetos que, pelo grande potencial testemunhal, são dirigidos (ou coletados) para museus. Formatos que trazem informações ao público, mas que antes disso teve o propósito de comunicar-se com o padroeiro. (grifo nosso)

A primeira tese de doutorado em Comunicação Social, do Brasil, defendida por Luiz Beltrão, em 1967, vê os ex-votos como media potenciais para divulgação de questões sociais, individuais e coletivas, que o homem simples da cidade ou do meio rural

cria e executa em um processo por ele chamado “folkcomunicação”. O autor faz uma reflexão que exalta o ex-voto da década de 1960 no Brasil.

A vinculação estreita entre folclore e comunicação popular trouxe o conceito *folkcomunicação*, definido como o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. (BELTRÃO, 1971, p. 15)

No processo infocomunicacional que o ex-voto desenvolve, está a espontaneidade, seja ela individual ou coletiva, que ocorre, principalmente, em salas de milagres, que é o canal, mediador entre o crente, o padroeiro e o povo que circula na sala. (v. esquema 1)



Esquema 1. Processo de comunicação numa sala de milagres

Outras características marcantes que sobressaem do processo ex-votivo estão na maioria das tábuas e telas “dos milagres”, também conhecidas como *retablos*. É a ortografia, a fonética e o uso de termos da linguagem coloquial que deixam em evidência o nível educacional do “pagador da promessa” ou até mesmo do “riscador de milagres”. As legendas são redigidas em geral na terceira pessoa, com sintaxes nem sempre claras, num vocabulário popular e sem ortografia apurada.

Através do uso combinado de texto e imagem, todas as classes sociais podem acessar o entendimento de *retablo*, com ou sem leitura. O nome que vem abaixo da composição imagética nem sempre é o do artista que pintou o *retablo*, mas o do doador, muitas vezes acompanhado por uma data, fundamental para quem estuda os *retablos* do ponto de vista sociológico. Além disso, ela permite comprovar, também, a velocidade da execução do ex-voto: o momento representado é o do milagre, a data inscrita é a da realização da desobriga. (Figura 6)

Assim, observamos no *retablo* muitos fenômenos de ressonância: ressonância entre o desenho e o texto, que frequentemente desenvolve a cena pintada glorificando a divindade e testificando paradoxalmente a realidade do milagre; ressonância entre o momento do milagre e o momento da dedicação; finalmente, ressonância entre o humano e o divino, ambos aparecendo simultaneamente na cena. Todos esses ecos redobramentos são ferramentas aretológicas que impressionam fortemente o inconsciente dos espectadores que assistem a esses ex-votos em lugares de devoção.



Figura 6. Ex-voto pictórico exposto no Museo de las Intervenciones – México
Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira
Projeto Ex-votos do México

É importante assinalar que tudo isso mostra a espontaneidade, e provoca a simpatia de quem contempla os ex-votos pictóricos. Além do mais, demonstra que, no universo dos ex-votos, a gramática “errada”, com “grassa”, “caza”, “Deuz”, “tralmatismo”, “promença” etc traz a compreensão da mensagem ao observador com probabilidade do entendimento da informação que se quer passar ao santo e aos observadores de segunda ordem. (LUHMANN, 1992)

Deve ser enfatizado, também, que os ex-votos representam quase sempre o momento mais dramático e não o fim dele e, exceto em casos excepcionais, consistem em uma composição única e não em uma sucessão de imagens que ilustram as peripécias do evento. A intenção simbólica é superior à vontade de uma narrativa informativa e linear, e a dramatização ajuda a tornar sensível o caráter miraculoso da intervenção celeste.

Outro caminho importante é a **iconografia**, entendida como o estudo das formas, da volumetria, dimensão, história e tipologia dos objetos **bi** e **tridimensionais**, cuja fonte teórica advém de Panofsky (1976), que concretiza, também, a noção de **Iconologia**, cujo campo específico de estudo está a interpretação dos valores simbólicos dos quadros pictóricos, das fotografias, esculturas, cadeiras de rodas, muletas etc.. (grifos nossos)

O objeto da iconologia é representado por princípios que revelam a atitude fundamental de uma ideologia, de um período, uma classe, uma concepção religiosa ou filosófica, inconsciente ou conscientemente produzida, e que explicita a mentalidade de uma época. A Iconologia, menos técnica no seu método, preocupa-se mais com o conteúdo e essência do objeto e imagem produzidos, indo além do estudo da forma e da descrição, percorrendo um trajeto mais crítico a quem lida com a arte e a imagem e que se baseia em problematizações e contextualizações sociais.

Outra base teórica, para o mundo dos ex-votos, encontra-se na **Semiótica**, que possui como campo específico de estudos os sistemas de sinais não linguísticos, sua natureza, estrutura e função, e como tal é um instrumento útil na análise de qualquer sistema de comunicação, aqui tratado diante do ex-voto, notadamente aos formatos não artísticos e aos que não possuem bilhetes, os que guardam algo mais oculto ao observador, como os tradicionais *milagritos*. (grifo nosso)

Para analisar um acervo ex-votivo, deve-se estudar os signos (variação de sinais) utilizados nas diferentes linguagens (artísticas, escritas, fotográficas), sua natureza específica e os códigos, regras que governam o seu comportamento e utilização. (VOVELLE, 1987) Tal forma investigativa se aflora a cada momento em que um tipo mais hermético é catalogado, a exemplo das placas de carros e automóveis, roupas, mechas de cabelo, aparelhos ortopédicos, computadores etc..

Como documento cultural, o ex-voto é uma mensagem codificada, desenhada e pintada, transmitida por pessoas que em sua maioria não dispunham de outros meios de expressão para testemunhar suas crenças, receios e esperanças. Confissão inconsciente ou extorquida mediante artifícios, o ex-voto revela os elementos da psicologia do

milagre e do sistema de atitudes diante do perigo da doença e da morte. (p. 113)

Desse modo, a decodificação dos signos para elucidar acontece a partir da semântica, ramo da semiótica que estuda os significados, que decodifica uma mensagem a partir dos signos. (ECO, 1977) A partir da noção de Eco (Idem) pode-se remeter ao ex-voto as questões signica e simbólica. Isso implica, inclusive, na perspectiva do objeto enquanto testemunho, pois a semiótica permite desvendar aspectos signológicos dos objetos que trazem indícios de fatos e acontecimentos, quando a narrativa não é textual. E quando textual, a fusão interdisciplinar com uma semiologia aplicada ao discurso do crente, seja nas cartas, seja nos providenciais verbetes que traduzem as pinturas ex-votivas.

Muitas mensagens ex-votivas, correntemente consideradas “visuais”, são na realidade textos mistos, e isto em sua própria materialidade: o caso das imagens ex-votivas com legendas, onde a função iconográfica das nuvens, separação dos dois mundos, celeste e humano, é essencial na leitura do ex-voto, facilmente descoberto quando há legendas na parte inferior do quadro. (DAMISCH, 1958).

Os meios de significar a relação entre o fraco humano e a divindade onipotente são múltiplos e se cumprem na codificação iconográfica dos gestos representados no quadro: a linguagem estabelecida entre os gestos de súplica de quem sofre; o sinal tranquilizador do outro que protege; os raios luminosos que descem da epifania divina sobre o humano, são os índices mais aparentes da materialização do elo graças à imagem.

A ligação temática é, no entanto, a mais frequente: a comunidade que une o mortal ao Todo-Poderoso é o sofrimento: as orações figuradas no ex-voto são dirigidas a Cristo na cruz, à Virgem com o Menino, a todos santos mártires: um paciente curado da cegueira agradecerá a Santa Lúcia, outro aliviado de suas dores de cabeça falará com San Dionísio que havia perdido a sua; o favor que ele recebe então tende a assumir a forma de uma relação especial, quase privilegiada.

A oferta do ex-voto toma, então, o significado da confirmação de um pacto: o gesto de reconhecimento torna-se um chamado que implica numa resposta. Assim, além do primeiro significado óbvio, que é a expressão de gratidão, agradecimento e louvor dos poderes do protetor, o ex-voto transmite outro, através dos vínculos expressos na iconografia fixada: invocando as grandes figuras tutelares que estão destinadas a socorrer todos os homens porque sofreram a si mesmas, o homem encena a miséria de sua condição humana; ele coloca o seu destino nas mãos da entidade celestial a que ele se dirige, ele doa sua pessoa (o que é claramente dito às vezes em uma inscrição que

acompanha o ex-voto pintado). O ex-voto é também uma forma de *deditio*. Além disso, uma oferta na oferta.

No entanto, esses significados não abrangem todas as funções do ex-voto: além de sua qualidade primordial de ser uma mensagem dirigida à divindade a quem é dedicado, ele refere a imagem privada do doador a um público mais amplo, em um efeito de espelho. Nesse sentido, ele às vezes é considerado um agente cultural com dois destinatários.

A comunidade dos fiéis num santuário é o espectador privilegiado de um ato que é originalmente íntimo e pessoal: depositando (ou melhor, exibindo) um ex-voto, deixa-se a esfera privada para entrar num grupo aberto e público. Nesta perspectiva, o ex-voto também tem uma função informativa e referencial ao contar um milagre pessoal que ecoará outros milagres já contados nos outros ex-votos.

Da mesma forma que os milagres de Cristo são tornados públicos no Novo Testamento, todo milagre privado é exposto ao mundo através do ex-voto. Existe aqui um princípio de imitação e um homem, santo ou profano, que viveu um milagre, é aquele em quem a virtude divina se objetificou: o ex-voto testemunha a força ativa de Deus e o último paralelo é o da ressurreição, quando o donatário também escapou da morte: o ex-voto é o fruto dessa ativação paradigmática.

A troca representada na pintura entre o devoto e a divindade salvadora é um testemunho de piedade pessoal levado ao extremo: com um *retablo*, entra-se no cotidiano das pessoas, seus sofrimentos, seus acidentes, seus sucessos. Esse fenômeno de espelhamento entre o doador, a cena representada e o espectador externo cria um efeito empastificante, destinado a reforçar a eficiência taumatúrgica.

Os quadros ex-votivos são de fato preparados com uma escrita múltipla: verbal, visual e "objetiva", para serem expostos. Esta exposição é fundamental para elaborar modelos unificadores que assegurem a identificação de ex-votos e que possam ser utilizados como veículos de comunicação com o sagrado: o espectador deve ser capaz de entrar na cena pintada, pelo texto, pela imagem ou pela encenação externa do ex-voto no santuário.

A combinação da escrita visual e *design* gráfico tem uma única finalidade: a transmissão de fórmulas ritualizadas e ideológicas, com o intuito de comprovar a gratidão do dedicante: a encenação repetitiva desses ex-votos ajuda a torná-los acessíveis a todas as classes sociais, por vezes pouco receptivas à linguagem escrita, mas sensíveis à codificação iconográfica.

Santaella (1992), não vê separação entre cultura e comunicação, já que há uma produção cultural de formas midiáticas que servem de veículos comunicacionais que tornam a comunicabilidade uma práxis. O que confirma as relações interpessoais,

interculturais, portanto intercambiais formadoras de uma fusão natural e “inextricável” (sic) entre comunicação e cultura. (Ibidem, p. 13)

Esta característica essencial da semiologia para aqueles que querem abordar o polimorfismo lábil do ex-voto é perfeitamente resumida por Cousin (1979): “De fato, a abordagem semiológica é esclarecedora. Ela oferece um método, uma abordagem que permite a descryptografia da imagem para revelar os vários níveis de significado. Ela leva a especificar as leis de um tipo”. Ela orienta a confrontos úteis particularmente com a imagem de publicidade ou o cartaz, que são, como o ex-voto, mensagens icônicas com significados destinados a “falar” ao público. Ela levanta o problema da relação imagem-escrita que está no coração das pinturas do ex-voto, uma vez que é levado a ceder no final do século XIX, a uma simples inscrição depois de ter sido pouco conquistado pela expressão escrita.

Para Langer (1971), a produção simbólica é um caminho potente no amplo que gira em torno da semiologia. Por produção simbólica, entende-se a produtividade coletiva de cada sociedade como forma de construção e encaminhamento do seu *modus vivendi*, num postulado de necessidades simbólicas presentes no homem, pois “a função de fazer símbolos é uma das atividades primárias do ser humano”, como o é comer, caminhar e se locomover de um canto a outro. “É o processo fundamental do pensamento, mas um ato essencial ao pensamento e anterior a ele”. (LANGER, Idem, p. 51)

A referida autora percebe o imaginário em duas vias, em um lado está o do pensamento, que é o interior, o eu, e o outro reside a praticidade, a produção. Esses dois caminhos produzem uma arte carregada signos que fazem parte da significação mental que acaba se descobrindo na (e pela) sociedade, como “produto da exteriorização ideológica de um grupo, comunidade, país etc.”. (Idem, 59)

O patrimônio cultural é outro fator importante trazido pelos ex-votos, principalmente quando esse elemento religioso se configura num escopo que mostra a tradição milenar, a comunicação e gênero, notadamente percebido nos santuários católicos, e bem analisado por pesquisadoras como Maria Augusta Machado da Silva (1981) e Elin Agraz (1996; 2017). (grifos nossos)

Entendemos, também, que a expansão do formato feito em parafina dar-se-á pela alta reprodutibilidade a partir das fábricas e de pequenos empresários locais, alguns dos quais reaproveitam a parafina derretida dos velários de igrejas e santuários para o seu ganho a partir da comercialização das esculturas. O que se diferencia de outro país de tradição ex-votiva, o México, que, sem a presença dos ex-votos feitos de parafina, mantém a tradição dos *retablos*, e traz em seu território algumas diferenciações de formatação e tipologias ex-votivas entre suas regiões geográficas, mas mantendo o

trabalho do *retablero*, artista que consagra o elemento da graça alcançada e de denúncia. (AGRAZ, 2017)

Aplicado à noção de memória, aqui trazida nos seus aspectos sociais e coletivos, o ex-voto traz a noção de **documento enquanto testemunho** que abarca o acontecimento e o fato, a lembrança e o percurso de vida a partir dos bilhetes, das cartas, das miniaturas dos carros e automóveis, de casas, de aeronaves, escultura e pinturas etc., que são suportes da memória, principalmente quando falamos do “milagre”, da “graça alcançada” de quem conversa com o santo. (grifos nossos)

As pinturas em telas, tábuas ou papel, são das formas ex-votivas tradicionais mais analisadas por pesquisadores e estudiosos. O seu aspecto narrativo estimula o espectador a descobrir não só conotações religiosas subjetivas, mas também a realidade de um tempo e um espaço específico, seja no meio rural ou urbano, em qualquer tempo, desde que projetem os acontecimentos que serão os registros de uma memória social (LE GOFF, 1996)

Os ex-votos possuem uma iconografia e simbologia próprias. A presença da divindade é um dos elementos definitivos do ex-voto, pois rompe com os fatos visíveis do mundo e “estabelece a realidade de todos os demais elementos integrados à pintura, proporcionando significação e movimento”. (PRAMPOLINI, apud AGRAZ, 1996, p. 58) As salas de milagres e os museus são patrimônios importantes nesse caminho, pois expõem registros de parte da religiosidade, e difundem a memória discursiva de quem está de passagem pelos santuários, ou daqueles que se comprometem a estar sempre neles.

Para Paul Ricœur (2007), na diretriz da memória social há duas intencionalidades: uma, da imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível, o utópico; a outra, a da memória, voltada para a realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal por excelência da “coisa lembrada”, do “lembrado” como tal. (RICŒUR, 2007, p. 26), daquilo que marcou e que em algum suporte está documentado, ou até mesmo o suporte serve como documento/testemunho.

Definindo o documento enquanto patrimônio cultural, e elencando exemplos de testemunhos e manifestações culturais, Vera Dodebei (2008) referencia o valor patrimonial que cabe aos objetos culturais:

Atribui-se o valor patrimonial a objetos que estão sendo criados e que são frutos de manifestações culturais, em sua maioria, de natureza artística e coletiva, como as artes populares, indígenas, urbanas, das periferias e de

comunidades carentes, entre outros. (DODEBEI, 2008, p. 25)

Na atualidade a preservação do patrimônio cultural está intrinsecamente ligada à questão da memória. Isso significa dizer que o ato de preservar se tornou importante não apenas para resguardar o patrimônio, mas, como enfatiza Pollak (1992, p.5), para “valorizar um elemento que constitui e fortalece o sentimento de identidade, seja ele individual, social ou coletivo”, que abre precedentes para que possamos atribuir à memória a condição de patrimônio, utilizando como base de estudos e análises os ex-votos.

O conceito de documento e testemunho, quando envolvido nas ciências sociais e humanas, nos conduz a muitas abordagens que permitem, sobretudo, o envolvimento com temáticas que contextualizam e refletem as narrativas, os discursos, histórias e lembranças.

Longe de noções preconceituosas, um testemunho pode ser pensado e visto como um documento. Ele pode estar qualquer parte de espaço ocupado pelo homem. Passa a ser um símbolo representativo das atitudes e aspectos culturais. Ele está em uma igreja, em um terreiro de candomblé, em um campo de futebol, nas festas e quase que infinitas manifestações culturais.

Como documento/testemunho, o ex-voto, em diversos formatos, apresenta as ambições, o medo, a felicidade, o amor etc. Expressões vistas nas suas tipologias, nos bilhetes, cartas, maquetes, cabeças, objetos industriais, DVDs, *pendrives* e uma quase infinidade de tipos.

Os ex-votos são um dos raros meios de investigação no mundo do silêncio daqueles que não sabem escrever. Eles, no campo da história, são uma fonte rica de investigação do social e da arte. Por pouco que sejam, levam-nos aos segredos das consciências da sociedade, dos momentos, do cotidiano, do indivíduo, dos valores que permeiam o contexto social. (VOVELLE, 1989, p.88)

Para Vovelle (1987), um pesquisador atento precisa, pois, usar de artimanhas para romper o silêncio, analisar os gestos, os comportamentos e as práticas tal como se revelam no objeto ex-votivo. E quando o silêncio se mantém, cabe recorrer à pesquisa oral, as entrevistas que podem auxiliar nas mensagens. Por fim, no contexto desses estudos realizados em todas as direções, percebe-se a importância privilegiada de que se

reveste a imagem, sob todas as suas formas, para o conhecimento da sensibilidade popular tanto profana como religiosa.

Entre a morte e a salvação

Falar da **morte** e do ex-voto é uma tarefa quase que impossível. Ao contrário das alminhas, ex-voto é o oposto do fim da **vida**. Digamos, ele mostra a salvação, a graça, o milagre. Porém, podemos dizer que a morte, em grande parte das vezes, ronda as mensagens trazidas pelos ex-votos. (grifos nossos)

E falar do ex-voto musealizado, que circunda a morte, é pensarmos no acervo pictórico e em alguns restritos formatos escultóricos. O primeiro nos remete às denominadas “tábuas votivas”, “*retablos*” ou pinturas ex-votivas, hoje pouco produzidas no Brasil, marcadamente presentes até na década de 1950.

Os formatos escultóricos que demonstram acidente, doença e cirurgia, estão nas esculturas antropomorfas que trazem nos seus traços e cores a representação da enfermidade, da marca cirúrgica ou do trauma após um acidente. Claro, devemos lembrar-nos das moedas que salvaram muita gente, pessoas que, diante de assaltos, levaram o tiro e tiveram a bala resvalada na moeda que carregavam no bolso. Essa tipologia, o museu traz em seu acervo e divulga nas suas exposições.

A grande tipologia ex-votiva não vai ao museu: cartas, fotografias, caixões funerários⁴, não são objetos, digamos, “nobres”, que o museu compõe no seu acervo. Isso porque há uma diferença entre a sala de milagres e o museu, seja do ponto de vista museal, seja dentro dos processos infocomunicacionais.

Os ex-votos são apresentados ao público, *in natura*, em salas de milagres, cruzeiros, cemitérios e cantos de igrejas e santuários, como também já fora do contexto, do processo comunicação-religiosidade, nos museus centros e cultura e memoriais. As salas de milagres são ambientes que proporcionam grande processo da comunicação humana, onde, da pulsação vital à reação, fluem com as suas imagens e escritas, mensagens e informações que atraem centenas de pessoas, numa velocidade que ultrapassa os museus que possuem acervos “ex-votivos”. Os museus dos ex-votos nascem a partir das salas de milagres. As tipologias mais

⁴ Os caixões funerários possuem duplo sentido em uma sala de milagres. Podem ser alminhas, colocadas por familiares de pessoas falecidas, que pedem ao padroeiro o conforto, “no paraíso”, daquele que se foi; ou o ex-voto da pessoa que escapou da morte.

atraentes de ex-votos são enviadas aos museus quando se nota uma maior atratividade e valor do objeto (sugeridos pelos administradores dos santuários). Daí vem o "escoamento" de objetos ex-votivos para a exposição museológica, onde eles cairão na possível "ressignificação", na "fria" expografia ou em processos multimidiáticos. (OLIVEIRA, 2018)

A fruição da religiosidade é mais latente no ambiente em que o processo da descobriza acontece, o que se dá nas salas de milagres, onde o sentido da fé e da prática religiosa engloba as rezas, o fetiche e manifestações (artísticas e místicas) que se desenvolvem com intensidade. O que não ganha respaldo no ambiente expográfico musealizado.

Então, neste difícil tópico que confronta a morte e o ex-voto, entremos no museu do santuário de Matosinhos, em Congonhas, Minas Gerais, e tomemos um exemplo que retrata bem a questão. O ex-voto a Santa Efigênia (ou Ifigênia), um óleo sobre madeira em moldura, que traz, em espaço aberto, à esquerda, o leito com dossel, e o menino Matheus, deitado em seu leito, sob um manto vermelho, com cabeça sobre um travesseiro cinza; à direita, como que flutuando, e entre nuvens, está Santa Efigênia em sua composição simbólica, de carnação preta, de pé, com o seu hábito na tonalidade azul escuro, túnica e escapulário brancos, trazendo na mão esquerda a imagem da igreja católica em maquete, e na mão direita a chama. (v. Figura 7). Logo abaixo da tradicional cena do quadro ex-votivo está a legenda cursivas que variam de tamanho narrando o acontecimento:

“Milagre que fez Santa Efigenia ao menino Matheus que estando com uma moléstia grave já desenganado, sua mãe apogou-se com a dita Santa, logo teve alivio e recobrou a saúde. Anno de 1756”.



Figura 7. Ex-voto a Santa Efigênia

Ex-voto a Santa Efigênia. Museu de Congonhas, Minas Gerais

Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira

Efigênia foi a primeira mulher africana a se tornar santa no início do cristianismo, e é muito venerada em Minas Gerais. Neste exemplar de 1756, bem conservado pelo museu de Congonhas, a legenda e a imagem, que são configurações tradicionais de um ex-voto pictórico, elucidam que o menino Matheus, enfermo, estava “desenganado”, num dizer popular ao referenciar que a pessoa não tem cura. E o apego à Santa, ou seja, a fé, a súplica, resultaram no “milagre” ocorrido, e a criança safou-se da morte.

Outro exemplar musealizado, que chama bastante a atenção para a questão da morte, é mexicano, do Museo de los Milagros, do Santuário da Virgen de los Dolores de Soriano. Trata-se uma carta manuscrita, da senhora Sandra Perez Jimenez, em letras maiúsculas, com 18 linhas. Ao lado do escrito, a foto postal da padroeira Virgen de los Dolores, envolta ao se manto preto com elementos fitomorfos e esgrafiados em dourado, cobrindo todo o seu corpo, deixando apenas mãos e cabeça, em frente, desnudas. Cabeça que traz uma coroa e tem o imenso resplendor prateado em volta. (v. Figura 8) Em seu texto está:

“21/08/2016

SANTÍSSIMA VIRGEM DAS DORES DE SORLANO
DOU-LHE AS MAIS INFINITAS GRAÇAS POR
TODOS E CADA UM DOS FAVORES QUE RECEBI
DE TI AO LARGO DE TODA A MINHA VIDA; MAS
MUITO ESPECIALMENTE PORQUE HÁ 1 ANO
ESTIVE A PONTO DE MORRER QUANDO MEU
NÍVEL DE DIABETES E DORES 3 MESES QUASE
SEM VER; PEDI TUA INTERCESSÃO ANTE O
TRONO DO TEU FILHO SANTÍSSIMO E AGORA
MEUS NÍVEIS DE AÇÚCAR ESTÃO
CONTROLADOS, MINHA VISTA FOI
RECUPERANDO PAULATINAMENTE SEM
NECESSIDADE DE USAR LENTES, MINHA VIDA
CAMINHOU, POSSO TRABALHAR, MINHA FILHA
DOLORES HAVIA IDO DE CASA E REGRESSOU,
MEU ESPOSO ME HAVIA DEIXADO E JÁ TAMBÉM
REGRESSOU, ESTOU PENSANDO EM UM NOVO
NEGÓCIO, ESTOU COM MINHA FAMÍLIA.
OBRIGADO DE TODO CORAÇÃO.

SANDRA PEREZ JIMENEZ

PARÓQUILA DE SÃO JOSÉ ITURBIDE”.⁽⁵⁾, ⁽⁶⁾

⁵ *Ipis liter* à carta 21/08/2016

SANTISIMA VIRGEN DE LOS DOLORES DE SORLANO TE DOY LAS MAS INFINITAS
GRACIAS POR TODOS Y CADA UNO DE LOS FAVORES QUE HE RECIBIDO DE TI A
LARGO DE TODA MI VIDA; PERO MUY ESPECIALMENTE PORQUE HACE 1 AÑO
ESTUVE A PUNTO O MORIR CUANDO ME HICE DIABETICA Y DORE 3 MESES CASI
SIN VER; PEDI TU INTERCESION ANTE EL TRONO DE TU HIJO SANTISIMO Y
AHORA MIS NIVELES DE AZUCAR ESTAN CUNTROLADOS, MI VISTA LA FUI
RECUPERANDO PAULATINAMENTE SIN NECESIDAD DE USAR LENTES, MI VIDA
CAMBIO, PUEDO TRABAJAR, MI HIJA DOLORES SE HABLA IDO DE LA CASA Y
REGRESO, MI ESPOSO ME HABLA DEJADO Y YA TAMBIEN REGRESO, ESTOY
EMPEZANDO UN NUEVO NEGOCIO, ESTOY CON MI FAMILIA.
GRACIAS DE TODO CORAZON
SANDRA PEREZ JIMENEZ
PARROQUILA DE SAN JOSE ITURBIDE

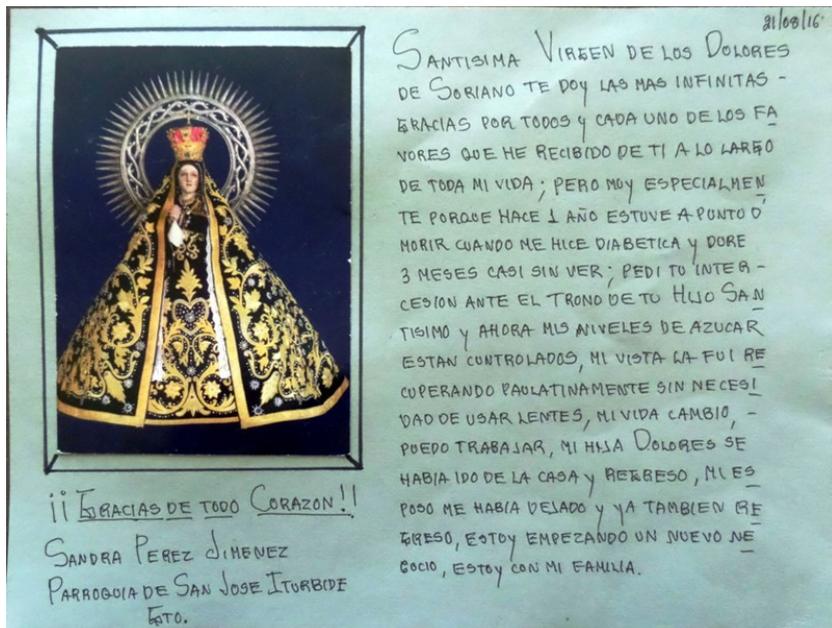


Figura 8 – Ex-voto da senhora Sandra Jimenez, México
Carta ex-votiva. Museo do Santuário da Virgen Dolores de Soriano, México
Fotografia: José Cláudio Alves de Oliveira

Neste exemplar da senhora Jimenez, (Figura 8) a clássica ilustração da salvação de quem, para si própria, estava “a ponto de morrer”. O testemunho ex-votivo demonstra a aproximação e o tema da morte, mas o retrato do ex-voto é explicitado diante da cura, da vitória ou de simplesmente ter se safado da morte. Cartas e bilhetes ex-votivos trazem um discurso mais evidente do que os encontrados nos ex-votos pictóricos que possuem as legendas, por serem estas mais curtas no discurso ou informações básicas. Já as cartas e os bilhetes, como já dito, não são encontrados em museus brasileiros. Porém, muito comuns nos museus mexicanos que possuem ex-votos, principalmente na região de Queretaro e no norte daquele país. Há narrações em diversas temáticas, sobretudo as que refletem com questões recorrentes do trabalho, da saúde e da paz na família.

⁶ Tradução nossa.

Conclusões

A tarefa de comentar a morte retratada nos ex-votos museológicos não é fácil, por dois motivos. Primeiro, os ex-votos não focam diretamente a morte. Pelo contrário, eles desvirtuam dela; eles mostram a vitória sobre a morte. Segundo, que o que podíamos ter de morte e ex-votos, de forma mais trágica, não está nos museus. Fotografias de traumas cirúrgicos, bilhetes narrando maus e bons momentos, e até mesmo objetos próximos ao elemento ex-votivo, como as alminhas, os caixões funerários e os pedidos, não vão para o museu. A não ser que seja numa exposição temporária, num lançamento de livro, num *vernissage*.

Enquanto o ex-voto evidencia a cura, a salvação, desapegando-se da morte, falando dela *en passant*, as alminhas são a pura demonstração de um final que somente o santo e Deus podem amenizar.

No Brasil esse detalhe não é transmitido enfaticamente pelos museus. Os ex-votos que trazem acontecimentos que beiraram à morte são os artisticamente trabalhados, as “tábuas votivas”, algumas esculturas e objetos que fizeram parte de um acontecimento brutal. Os pictóricos mostram o perigo da doença do acamado que se curou; do acidente que o trabalhador teve ao cair do alto da casa; do acidente do carro em estrada. Sempre com o “ar da graça” da salvação. Claro, a morte esteve por perto, rondou o quarto, a estrada, a queda do trabalhador. Mas se curvou perante o padroeiro que foi suplicado.

Mas, por que os museus não trazem os acervos expressivos, digamos, mais “fortes” e “trágicos” da realidade das marcas de um câncer, de um acidente, de uma pós-cirurgia? Fotos e tomografias colocadas em salas de milagres elucidam bem esses casos. Talvez a resposta esteja para, nessa temática, e falando de Brasil, a concepção de um museu ainda mais formal e clássico legado ao ex-voto, e em muitos casos estar configurado em junção com acervos da arte sacra católica.

Seja como for, a temática pode ser explorada em espaços museológicos, a exemplo de Matosinhos, Minas Gerais, Bomfim, na Bahia, e Penha no Espírito Santo. Onde os museus com acervos ex-votivos expõem os seus grandes e pequenos “quadros da fé”. Porém, para o pesquisador que queira, com mais acuidade, estudar a morte em si ou a salvação, com pormenores que explicitam momentos e acontecimentos, terá mesmo de perceber a sala de milagres e a sua democracia tipológica dos ex-votos, onde felicidade e morte caminham juntas, mas com a vitória da fé consagrando a cura.

Referências

AGRAZ, Elin Luque and BELTRAN, Michele. *Dones y Promesas: Exvotos Mexicanos*. Mexico: Fundación Televisa, A.C. 1996. 279 p. Il.

AGRAZ, E.; OLIVEIRA, J. C. A; PERRÉE. *Ex-votos do México: tradição e transgressão*. Curitiba: CRV, 2017.

BRENNER, Anita. *Idols behind Altars: Modern Mexican cultural art and its cultural roots*. New York: Payson and Clark, 1929. 377 p. il.

BARBIERI, Sergio Darío. *Exvotos argentinos: una arte popular*. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 2007

BELTRÃO, Luiz. *Folcomunicação: Teoria e Metodologia*. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

COUSIN Bernard. “L'Ex-voto, document d'histoire, expression d'une société / The Ex-voto, Historical Document, Expression of a Society”. In: *Archives de sciences sociales des religions*, n°48/1, 1979. p 107-124.

_____. *De l'ex-voto à l'image in memoriam, une évolution récente* In : *Les narrations de la mort*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2005.
<http://books.openedition.org/pup/7252>. Acesso em maio 2019.

DAMISCH, Hubert. “Un outil plastique : le nuage”, *Revue d'Esthétique*, 1958, 1/2 P. 104-148

DODEBEI, Vera, ABREU, Regina (orgs.). *E o patrimônio?* Rio de Janeiro: Contra Capa/PPG em Memória Social Unirio, 2008. p. 22-25

ECO, Umberto. *O Signo*. Lisboa: Progresso, 1977. 180 p.

_____. *Estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991, 427 p. il.

GONZÁLEZ, J. A. Exvotos e retablitos: religión popular y comunicación social en México. In: *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, año/vol. I, número 001. Universidad de Colima. Colima, México. P. 7-51, 1986.

LANGER, Suzanne. *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva, 1971. 210 p.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 1996. 553 p.

LUHMANN, Niklas. *Teoria dos sistemas, teoria evolucionista e teoria da comunicação*. In: LUHMANN, Niklas. *A improbabilidade da comunicação*. S/l: Vega. 1992. Partes II-IV. p. 96-126

NPE. Disponível em <http://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/>. Acesso e 3 de outubro de 2018

EX-VOTOS DO BRASIL. Disponível em <https://projetoex-votosdobrasil.net/>. Acesso em 3 de outubro de 2018

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Museus dos ex-votos e sala de milagres: divergências e aproximações. In: OLIVEIRA, J. C. Alves de; PRÉTRE. Clarisse (orgs.). *Seu eu quiser falar com Deus: história e lugares dos ex-votos*. Curitiba: CRV, 2018. p. 139-162

PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 444 p. Il.

POLLAK, M. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PRÉTRE, Clarisse. asturiaoffrande dans les inventaires de Délors: objet rituel ou sacré ? *Revue de l'histoire des religions*. Paris, Armand Colin, 2014/4 (Tome 231).

RICCEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007, p. 105-142

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992. 137 p.

SCARANO, Julita. *Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira séculos XVIII e XIX*. São Paulo: EDUSP, 2004. 128 p. il.

SILVA, Genivalda Candido; OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. A cultura material retratada nos ex-votos do Santuário do Bomfim: Comunicação, Fé e Cultura Popular. In: *XI Colóquio Nacional e IV Colóquio Internacional do Museu Pedagógico*, 2015. Vitória da Conquista: UESB, 2016. v. 11. p. 443-457. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/issue/view/208>, acesso em maio de 2019

SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN; MEC, 1981. p. 120. il.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Riscadores de Milagres: um estudo sobre a arte genuína*. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica; Salvador: Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967. 171 p. il.

VOVELLE, Michel. *Ideologia e mentalidades*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987. 416 p.